



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. LIZIANE GUAZINA

THAYENE DE OLIVEIRA ROCHA

**PLANO DE COMUNICAÇÃO PARA O COLETIVO NÓS POR NÓS:
MOBILIZAÇÃO E EMPODERAMENTO DE MULHERES NA CIDADE
OCIDENTAL/GO**

Memorial Descritivo

Brasília – DF

2017

THAYENE DE OLIVEIRA ROCHA

PLANO DE COMUNICAÇÃO PARA O COLETIVO NÓS POR NÓS: MOBILIZAÇÃO E
EMPODERAMENTO DE MULHERES NA CIDADE OCIDENTAL/GO

Memorial Descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Liziane Guazina.

Brasília – DF

2017

THAYENE DE OLIVEIRA ROCHA

PLANO DE COMUNICAÇÃO PARA O COLETIVO NÓS POR NÓS: MOBILIZAÇÃO E
EMPODERAMENTO DE MULHERES NA CIDADE OCIDENTAL/GO

Memorial Descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Comunicação Organizacional da
Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília,
como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela
em Comunicação Social.

Aprovado pela Banca Examinadora em novembro de 2017

Prof^a. Dr^a. Liziane Guazina

Orientadora – FAC/UnB

Prof^a. Dr^a. Fernanda Martinelli

FAC/UnB

Prof^a. Dr^a. Janara Sousa

FAC/UnB

Dedico este trabalho a todas as mulheres. Àquelas que são fortes e servem como inspiração e às que precisam de força e pelas quais nós lutamos. Em especial à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, fora Temer! Gostaria de agradecer às minhas amigas e companheiras de lutas e “tretas”, Cintia, Nátalie e Nathielen. Nós temos sido muito resistentes nessas trincheiras da vida, que bom que agora podemos contar umas com as outras para enfrentar tudo isso.

Agradeço também à minha orientadora, pela sororidade demonstrada ao longo de todo o processo de produção deste trabalho. É desse tipo de profissional que o mundo precisa: que enxerga as pessoas como elas são, humanas, e que lida com elas respeitando suas limitações e exercitando a empatia. Lizi, você é uma querida e sou muito feliz pela escolha que fiz em ter você como orientadora. Quando crescer, quero ser como você!

Agradeço à minha mãe, que, mesmo não entendendo nada do que estava acontecendo, estava lá, demonstrando o seu afeto de todas as formas que sabe. Te amo, mami!

Às várias outras amigas e aos amigos que são sempre muito “*coachings*”, mas que não vou nominar aqui para não correr o risco de esquecer ninguém. Essa galera não perde uma oportunidade de motivar e mostrar as qualidades das pessoas. Obrigada por acreditarem quando eu não acreditei.

À Darli, que foi um dos presentes mais incríveis que esse período de “batidão” entre UnB e trabalho me deu. Obrigada pelas orações, sua conexão com Deus é totalmente real.

Ao meu companheiro, Bernard, que todo dia coloca um tijolinho no seu muro da desconstrução e que se esforça sempre para entender cada uma das problematizações, as ausências, as impaciências, os ataques de nervos e as dificuldades que enfrentamos por sermos mulheres. Não reproduzir o machismo nesse sistema que é todo montado para isso é um desafio para nós mulheres, mas é ainda maior para os homens, e você tem se saído muito bem nessa missão!

Obrigada a todas e a todos que sempre disseram que ia dar certo. E obrigada aos que não acreditaram que daria. A persistência também foi por todas e todos vocês!

RESUMO

Este memorial consiste no relato das motivações e justificativas para a elaboração de um plano de comunicação para o Coletivo Nós por Nós, organização não governamental que realiza ações para promover a mobilização e o empoderamento de mulheres no município de Cidade Ocidental/GO. Contém também o relato da trajetória do Coletivo, contado sob a perspectiva da estudante que é cofundadora da organização. Com o objetivo de aumentar a visibilidade e o alcance do Nós por Nós na cidade e de fortalecer as relações interpessoais entre integrantes do Coletivo, foram propostas dez ações de comunicação para serem executadas em curto, médio e longo prazo, que surgiram como respostas à parte das sugestões apontadas pelas membras da diretoria e por pessoas que já interagiram de alguma forma com o Nós por Nós. A metodologia utilizada para mensurar os aspectos problemáticos e passíveis de proposição de soluções neste trabalho foi a análise das mídias sociais, a realização de entrevistas com a diretoria e aplicação de questionários com o público externo.

Palavras-chave: Comunicação Organizacional. Mobilização. Empoderamento. Mulheres. Feminismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 – O MOVIMENTO FEMINISTA E A COMUNICAÇÃO	10
1. 1 – Movimentos no Distrito Federal e Entorno	12
1. 2 – Os Feminismos e a Comunicação	13
2 – A CONSTRUÇÃO COLETIVA NA CIDADE OCIDENTAL: NÓS POR NÓS	16
3 – A ESCOLHA DO TEMA	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um planejamento de comunicação para o Coletivo Nós por Nós, organização não governamental que atua em Cidade Ocidental, Goiás – entorno do Distrito Federal – e que desenvolve atividades com o intuito de mobilizar e amparar mulheres nos aspectos educacional, profissional e psicológico.

Com o conhecimento adquirido ao longo do curso de Comunicação Organizacional, serão elencadas as informações importantes sobre a estrutura comunicacional já existente dentro do Coletivo Nós por Nós e quais instrumentos da comunicação poderão ser utilizados para melhorar a interação com os públicos da organização.

O público alvo do Coletivo Nós por Nós são, a princípio, as mulheres de Cidade Ocidental, mas, dependendo da atividade a ser desenvolvida, o público é segmentado. Por exemplo: uma roda de conversa que trata sobre a solidão da mulher negra tem como público alvo as mulheres negras de todas as faixas etárias; uma roda sobre humanização do parto tem como público alvo mulheres que estejam grávidas ou que tenham a intenção de engravidar; uma roda sobre mídias sociais e inserção no feminismo tem como público mulheres entre 16 e 30 anos, que estão mais inseridas em determinados contextos virtuais; o projeto Estuda +pro Enem tem como público alvo jovens que estejam no terceiro ano do Ensino Médio ou que já tenham concluído os estudos e tenham interesse em fazer a prova do Enem. Ou seja, o público do Coletivo Nós por Nós é, em certa medida, amplo, mas se segmenta de acordo com a atividade a ser executada.

O Plano de Comunicação para o Coletivo Nós por Nós foi elaborado a partir da análise do desempenho da página no *Facebook*, juntamente com os apontamentos feitos pelas integrantes da diretoria, durante entrevista em grupo, seguido pela aplicação de questionário com voluntárias, voluntários, não voluntários e não voluntários que já tenham tido contato com alguma atividade do Coletivo. Feito isto, serão apresentadas as estratégias a serem aplicadas para atingir o objetivo do plano: dar maior visibilidade às ações do Nós por Nós e mobilizar mais mulheres para aumentar o número de voluntárias nas ações realizadas.

Para a aplicação do questionário, este foi enviado para cerca de 50 mulheres que fazem parte do grupo de *WhatsApp* “Nós por Nós”, para as professoras, os professores, as alunas e

os alunos do projeto Estuda+ pro Enem e para demais pessoas que já interagiram de alguma forma com o Coletivo, para entender qual a percepção delas sobre a comunicação que o Nós por Nós tem estabelecido, se as redes sociais – *Facebook, Instagram, blog e WhatsApp* – têm interagido de maneira satisfatória e o que pode ser melhorado para engajar mais mulheres às ações.

As estratégias propostas com base no diagnóstico estão divididas entre internas e externas, com ações que visam fortalecer o relacionamento e a organização interna e melhorar a forma como o Coletivo se apresenta e interage externamente, repensando o que existe e acrescentando novos instrumentos à comunicação já realizada. Por se tratar de uma organização que se localiza em uma cidade com fortes características interioranas – com um pouco mais de 60 mil habitantes e dependente de outras cidades maiores para subsidiar boa parte de sua existência –, onde o contato pessoal é fundamental para consolidar as relações, constatou-se com os levantamentos realizados que era necessário investir em ações além das redes e fortalecer o trabalho “corpo a corpo”.

Neste memorial descritivo, por sua vez, será apontada de maneira breve uma contextualização sobre o feminismo, os principais movimentos do Distrito Federal e entorno e a importância da comunicação para a mobilização de mulheres. Em seguida, será apresentado um histórico sobre a atuação do Coletivo Nós por Nós na Cidade Ocidental, o relato sobre a escolha do tema e o processo de produção do Plano de Comunicação, as considerações finais e as referências utilizadas para realização deste trabalho.

1 – O MOVIMENTO FEMINISTA E A COMUNICAÇÃO

No final do século XIX, surgia um movimento que tinha como pauta fundamental a luta por igualdade de direitos para as mulheres, o feminismo. A partir da organização em torno dessa pauta e de diversas outras, ocorreu a conquista de direitos que temos hoje. Questões fundamentais, como os direitos de votar e trabalhar fora, foram alcançadas com a luta de mulheres que podiam até não se autodenominarem feministas, mas que tinham os princípios dessa ideologia impressos em suas atitudes.

Desde o seu surgimento, o feminismo sempre foi estigmatizado. As mulheres que fossem feministas ou que tivessem comportamentos que se alinhassem aos de feministas eram chamadas de bruxas, perseguidas e, muitas vezes, queimadas em fogueiras. Ser feminista nunca foi uma missão fácil e ainda não é.

As mulheres sempre estiveram presentes nas lutas pelas conquistas em todos os aspectos, porém permaneciam invisibilizadas e silenciadas pelos homens – brancos e heterossexuais, principalmente –, mesmo por aqueles que lutavam ao lado. O sistema patriarcal impôs a elas um papel de subjugação ao homem independente do contexto no qual estivessem inseridas e o feminismo se sagrou como ideologia de combate a esse sistema. No Brasil não era diferente. As mulheres sempre estiveram presentes nas principais movimentações políticas e culturais.

Mulheres negras envolveram-se na resistência à escravidão e em movimentos abolicionistas; trabalhadoras da cidade e do campo participaram das primeiras lutas sindicais; mulheres de distintas classes instituíram uma agenda de emancipação feminina, desde o século XIX, exigindo direito ao trabalho, à propriedade e à herança, à educação, à criação artística e literária, à participação política e ao voto feminino – conquistado finalmente em 1932. (FERREIRA; BONAN, 2004).

Em um dos períodos mais terríveis da história do Brasil, a ditadura civil-militar (1964-1985), as mulheres se colocaram como linha de frente na resistência. A partir de 1975, deslanchou uma onda de ativismo feminista no país, com a organização de mulheres em grupos de estudo, movimentos estudantis, partidos clandestinos, sindicatos e movimentos pela anistia. Em 1979, aquelas que haviam sido exiladas retornaram ao Brasil e trouxeram contribuições do debate feminista do exterior, com isso mobilizaram mais mulheres para

participarem de oficinas, debates, manifestações de rua, publicarem em jornais e desenvolverem pesquisas (FERREIRA; BONAN, 2004).

Entre as décadas de 1980 e 1990, ocorreram vitórias significativas para o movimento feminista no Brasil, entre elas a criação do Conselho Nacional da Condição Mulher (CNDM), cuja secretária tinha status de ministra e que, juntamente com o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA)¹, promoveu campanhas para a inclusão dos direitos das mulheres na Constituição de 1988, que é uma das que mais garante direitos para as mulheres no mundo (PINTO, 2012).

No decorrer dos anos, as mulheres conquistaram alguns espaços de poder – ainda que com baixa representatividade em números –, porém suas pautas representadas pela CNDM foram ignoradas nos governos de Fernando Collor e de Fernando Henrique Cardoso, retornando à lista de prioridades somente no governo Lula, com a criação da Secretaria Especial de Política da Mulher (SPM), com status de ministério (PINTO, 2012).

Uma característica inalterada, e ainda presente nos dias de hoje, é a luta incessante pela autonomia de seus corpos, com pautas como a descriminalização do aborto, por exemplo. Por essa razão, buscar espaços para maior participação política sempre se mostrou fundamental para aumentar a capacidade de intervir junto ao Estado para aprovar medidas protetoras às mulheres (PINTO, 2012).

Nessa esteira, dos anos 90 em diante, o feminismo passou a figurar “como força produtora de cultura, sociabilidade e energia política, falando “para” e “com” todo mundo, encorajando esperanças e utopias, dando sua contribuição a um projeto de civilização realmente democrática” (FERREIRA; BONAN, 2004). E nesse movimento, houve uma tendência à profissionalização com a criação de ONGs focadas e com elevada qualidade técnica, semelhantes ao CFEMEA, que atuavam diretamente exercendo pressão no Legislativo e no Executivo para aprovar matérias importantes no combate à violência contra a

¹ O Centro Feminista de Estudos e Assessoria é uma organização não governamental feminista, sem fins lucrativos, que foi criada em 1989, em Brasília, tendo como pauta fundamental a luta pela regulamentação dos direitos conquistados na Constituição de 1988. Além disso, o CFEMEA possui algumas estratégias que envolvem: sensibilização e conscientização; articulação e mobilização; *advocacy* (promoção e defesa de ideias); comunicação política; acompanhamento e controle social. Disponível em: <<http://www.cfemea.org.br/>>.

mulher, sobretudo a violência doméstica, como a criação das Delegacias Especiais da Mulher (DEAM) e a Lei Maria da Penha².

1. 1 – Movimentos no Distrito Federal e Entorno

Na perspectiva de mobilização social de mulheres em todos os níveis, no Distrito Federal e no entorno, diversos grupos organizados surgiram ao longo dos anos, a exemplo do CFEMEA, incluindo aqueles com apoio desta ONG para se organizarem.

O resgate de informações acerca dos movimentos com este recorte geográfico é dificultado pela ausência de material publicado e divulgado de grupos e de atividades das feministas, tanto na capital quanto nas suas periferias e adjacências, o que torna invisíveis suas lutas e histórias – em especial as das mulheres periféricas (GARCIA, 2014).

Um ponto importante a ser destacado é a diferenciação das pautas dos movimentos de mulheres do Plano Piloto e proximidades e as das mulheres das Regiões Administrativas mais distantes do centro e das cidades do entorno (que fazem parte do estado de Goiás). As primeiras, em sua maioria, têm acesso à Universidade e têm boa parte de suas vivências forjadas em teorias acadêmicas.

Por outro lado, as mulheres periféricas têm como mote o direito à moradia e a serviços básicos, bem como as jornadas exaustivas de trabalho mal remunerados e muito distantes de suas casas – a maioria tem que se deslocar ao Plano Piloto para trabalhar – e, ainda, os altos índices de violência em todos os âmbitos (GARCIA, 2014).

Para Gabriela Garcia (2014), um dos movimentos de resistência mais emblemáticos e existentes no DF ocorre na Cidade Estrutural, que é construído a partir das cooperativas de catadores de lixo, costureiras e do banco comunitário, que são organizados com lideranças e uma mão de obra predominantemente feminina. Apesar de não carregarem o discurso propriamente feminista, exercem o papel de empoderamento e formação de redes articuladas com outras mulheres.

2 Lei 11.340/2006 - Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>.

Em sua pesquisa, Garcia identificou todos, ou pelo menos a maioria, dos movimentos feministas organizados do DF. No âmbito institucional, atuando como ONGs, encontram-se o CFEMEA e o Instituto Anis³; como grupos formados e atuantes existem a Marcha das Vadias (MdV/DF)⁴, as Promotoras Legais Populares (PLPs/DF), a Cia Revolucionária Triângulo Rosa, o Movimento Mulheres em Luta (MML/DF), o Coletivo Jurubeba, o Coletivo de Mulheres Lésbicas – Associação Coturno de Vênus –, o Fórum de Mulheres Negras (FMN/DF), as Minas da Perifa, a Casa Frida, a Frente Feminista Periférica, a Rede Feminista de Saúde do DF, o Coletivo Pretas Candagas e as militantes pelos direitos das mulheres prostitutas. Todos esses movimentos, ou a maioria deles, tinham representantes no Fórum de Mulheres do DF e Entorno.

Um aspecto interessante apontado por Garcia é a fragmentação ou desarticulação, em certa medida, de alguns desses grupos pelas mais diversas razões, mas principalmente pela multiplicidade de perspectivas sobre as opressões sofridas pelas mulheres, com recortes sociais e raciais. Entretanto, ela aponta que, apesar da redução das mobilizações enquanto grupos organizados, as ativistas integrantes destes permanecem se mobilizando de forma autônoma e, muitas vezes, integradas com companheiras de outros grupos, o que mantém forte a mobilização feminista na região do DF e entorno, ainda que não seja por intermédio de uma organização específica.

1. 2 – Os Feminismos e a Comunicação

Partindo dessa perspectiva de mobilização feminista não somente realizada por organizações no DF e no entorno, um instrumento passa a figurar como fundamental para a continuidade das articulações em torno das pautas prioritárias para as mulheres: a comunicação.

³ A Anis: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero é a primeira organização não governamental, sem fins lucrativos, voltada para a pesquisa, assessoramento e capacitação em Bioética na América Latina. Entre os principais objetivos está o de promover a pesquisa e o ensino da Ética e da Bioética, relacionando-os à temática dos direitos humanos, do feminismo e da justiça entre os gêneros; democratizar pesquisas e ações em Bioética, que assegurem os direitos fundamentais das mulheres, da Bioética feminista e da Justiça entre os gêneros. Disponível em: <<http://www.bioetica.org.br/?siteAcao=BioeticaBrasilIntegra&id=26>>.

⁴ Após um conflito entre as integrantes em 2013, a Marcha das Vadias acabou ficando desarticulada (GARCIA, 2014).

Principalmente nas redes sociais, as mulheres, sejam elas autodeclaradas feministas e ativistas ou não, encontraram formas de se mobilizarem em prol de seus objetivos em comum, sejam eles quais forem. Na internet, por meio de *blogs*, do *Facebook* e do *Twitter*, a velocidade de propagação de informações é grande e a acessibilidade contribui para que os temas pertinentes às lutas das mulheres – organizadas ou não – ganhem visibilidade e alcancem mais mulheres com as mesmas demandas.

Ainda que seja um local perigoso e arena de execração e violência de gênero, com diversos casos relatados de ataques individuais e coletivos às mulheres, no espaço da internet existe pelo menos a possibilidade da construção de contra-narrativas, alternativa praticamente inexistente em outros meios. Na TV e nas revistas as mulheres são diariamente atingidas por publicidade, jornalismo, produções audiovisuais de todos os tipos que atacam sua dignidade, constroem estereótipos e esfacelam sua autoestima.

Dessa forma, a apropriação dos instrumentos da comunicação pelos movimentos feministas e por ativistas autônomas tem se tornado cada vez mais fundamental para a desconstrução de conceitos e embate de ideias, inserindo novas perspectivas em diversas linguagens no nosso dia a dia, das mais variadas formas.

O ativismo de internet, que divide opiniões, tem sido utilizado cada vez mais como instrumento de participação social, com críticas ao chamado “ativismo de sofá” e às “bolhas ideológicas”, que teoricamente constroem um imaginário diferente do que a realidade de fato é e torna questionáveis as ações promovidas pelo meio on-line (FRANCO, 2017).

Por outro lado, a capacidade de interação que a internet propõe e a possibilidade de produção de conteúdo por qualquer uma das partes envolvidas no processo comunicacional fazem com que as plataformas disponíveis disponham de um poder de mobilização grande e de rápida propagação, especialmente com o uso de mecanismos como as “*hashtags*” (FRANCO, 2017).

Com essa capacidade de produção de conteúdo ampliada, bem como a possibilidade de viralização de ideias através disso, mostra-se cada vez mais necessário o estudo aprofundado sobre as formas mais eficazes de transmissão das mensagens que se desejam propagar. Conhecer os instrumentos de comunicação e qual deles ajudará na sua mobilização é fundamental para usar a ferramenta certa na hora certa.

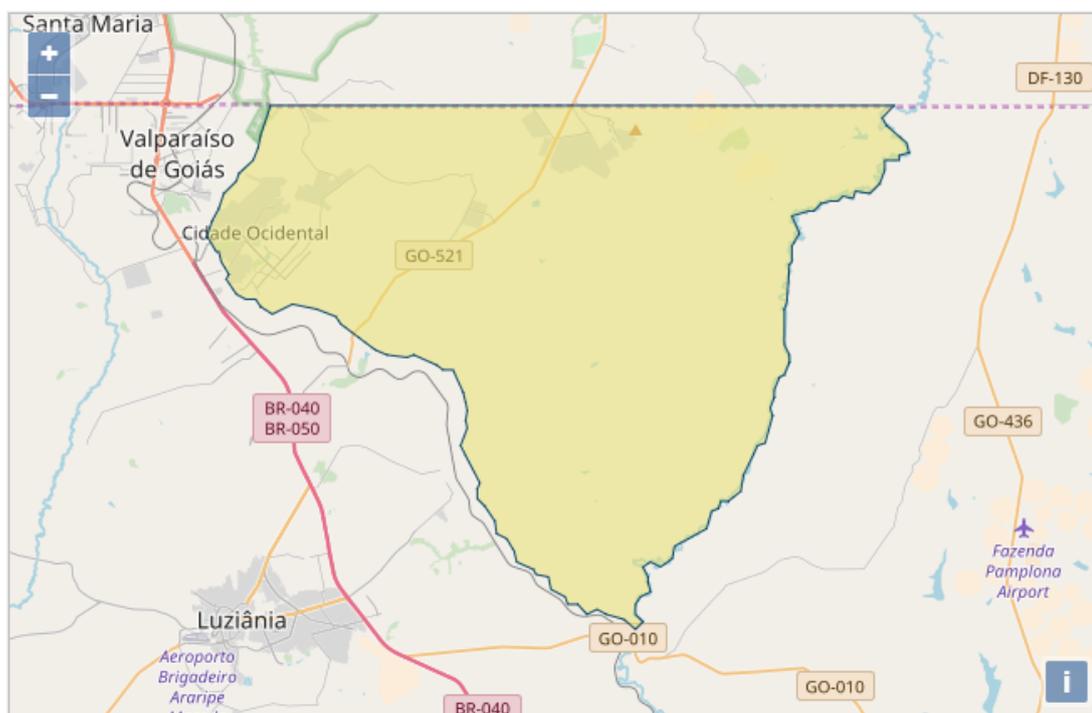
[...] Mas não nos basta ocupar espaço nas ferramentas de comunicação já existentes, queremos mais! Queremos instrumentos de comunicação que estejam a serviço das nossas mulheres trabalhadoras, que retratem a nossa realidade, que pautem as nossas demandas. Queremos construir uma comunicação feminista e popular como a experiência do Jornal Brasil de Fato, com as matérias nacionais de divulgação virtual e as tiragens de tabloides estaduais, e a irreverência das redes sociais que tem se tornado uma ferramenta aliada para a disseminação de reflexões e tornar pública as ações das mulheres pelo Brasil. (SANTOS; CORDEIRO, 2015).

Por estarmos inseridas numa sociedade patriarcal, machista, heteronormativa e branca, é preciso que sejam construídas novas narrativas com o auxílio dos instrumentos de comunicação disponíveis e acessíveis, para que as vozes das mulheres sejam ouvidas sob a perspectiva delas mesmas, agregando representatividade e empatia ao ato de falar com e para mulheres. Para isso, a ocupação de espaços é fundamental. Espaços políticos, de elaboração e implementação de políticas públicas, de fala, como formadoras de opinião. Quando uma avança, nenhuma retrocede.

2 – A CONSTRUÇÃO COLETIVA NA CIDADE OCIDENTAL: NÓS POR NÓS

O Coletivo Nós por Nós nasceu em junho de 2016, no município de Cidade Ocidental – entorno do DF – por iniciativa de um grupo de mulheres que tinham formas diversas de ver a vida, mas que sabiam que, em certa medida, caminhavam na mesma direção: a busca por igualdade e melhores condições de vida para as mulheres. Mas, para contar a história do Nós por Nós, precisamos primeiro falar da cidade que, ao mesmo tempo, inspira, indigna e faz com que se seja necessária a mobilização cada vez maior.

Cidade Ocidental é um município do estado de Goiás que fica a cerca de 50 km de distância de Brasília. Com um pouco mais de 60 mil habitantes, a cidade tem um potencial grande a ser explorado, mas conta com o mesmo problema dos demais municípios do país: o descaso do poder público com setores fundamentais para o desenvolvimento social. O município tem cerca de 25% da sua população composta por jovens entre 14 e 29 anos (IBGE) e não possui teatro, áreas de lazer apropriadas e praticamente nenhuma atividade cultural, a não ser aquelas que são organizadas e realizadas pelos movimentos artísticos e culturais da região.



Mapa da Cidade Ocidental retirado do site do IBGE

Segundo o último censo demográfico do IBGE, de 2010, as mulheres são 50,9% do total da população da cidade e são expostas aos mesmos índices de desigualdade que as demais mulheres do país. Em 2010, enquanto o rendimento médio dos homens do município era de R\$ 1.360,00 o das mulheres era de R\$ 880,00.

No quesito educação, as taxas de analfabetismo e evasão escolar entre as mulheres eram menores, porém os índices de desemprego maiores, com 30% delas fora do mercado de trabalho. Outro dado importante é que as mulheres figuravam como responsáveis pela família em 44% delas, sendo que em famílias sem cônjuge (só com mãe ou pai e filhos), o número subiam para 90% de famílias sob a responsabilidade das mulheres, as chamadas “mães solo”.

No que diz respeito a políticas voltadas para as mulheres, a Cidade Ocidental ainda não cumpre plenamente com os direitos básicos, como atendimentos ginecológicos com exames de rotinas, a garantia de creches e escolas de educação infantil de qualidade – que atendam toda a demanda, para que as mulheres que são mães tenham disponibilidade para trabalhar ou estudar com a maior tranquilidade possível, tendo onde deixar os filhos –, ou o atendimento especializado para mulheres vítimas de violência.

A região do entorno sul do DF, onde a Cidade Ocidental se localiza, conta com apenas uma Delegacia Especializada no atendimento da Mulher, que fica em Valparaíso, município limítrofe à Cidade Ocidental, e tem uma demanda alta de ocorrências, o que dificulta o atendimento às vítimas. Nesse cenário, as mulheres da cidade que sofrem algum tipo de violência enfrentam uma série de dificuldades em realizarem denúncias e terem o atendimento adequado, pois na delegacia comum a empatia não é fator predominante e não existe um centro especializado para acolhimento físico e psicológico das mulheres.

Os serviços de saúde da cidade não chegam a todas as mulheres. Há poucos médicos ginecologistas, exames fundamentais, como mamografias e ecografias vaginais, têm grandes filas de espera e há poucas perspectivas de um atendimento continuado. Nessa esteira, o atendimento preventivo deixa muito a desejar, tanto do ponto de vista laboratorial quanto em relação à orientação e à educação.

Às mulheres de Cidade Ocidental ainda é negado o acesso a informações básicas sobre como cuidar do próprio corpo ou sobre seus direitos em todas as áreas. Isso contribui para a

manutenção da cultura patriarcal que inviabiliza o empoderamento individual e coletivo das mulheres, mantém a estrutura que as submete a uma lógica de rivalidade e competição que não é saudável para a relação entre mulheres e só fortalece um sistema que às impõe um papel de inferioridade em relação aos homens.

O que já foi pontuado até aqui se relaciona diretamente com um aspecto desafiador, a educação. E, quando se fala em educação, não se trata apenas de alfabetizar, concluir o ensino básico e o ensino superior, “passando” por essas etapas, mas sim de trazer o empoderamento por meio da educação.

E pelo empoderamento começa a nossa história. De mulheres que trilham caminhos diferentes, mas que encontram no apoio mútuo a possibilidade de construir uma realidade diferente no lugar onde cresceram e que querem ver crescer.

“As mulheres são como as águas, ficam mais fortes quando se juntam”. Foi colocando em prática esse ditado que, no final de maio de 2016, diversas mulheres de Cidade Ocidental, algumas delas que sequer se conheciam, uniram-se em torno de uma manifestação durante um evento que aconteceria na cidade. Através do *Facebook*, elas começaram a se articular para fazer um ato em protesto contra a violência sofrida pelas mulheres, tendo como pano de fundo a violência que uma das conhecidas havia sofrido e, principalmente, o caso da garota que foi estuprada por 30 homens no Rio de Janeiro.

O ato foi como um gatilho para a necessidade de alguma movimentação das mulheres e para as mulheres no município. A partir daí, foi criado um grupo no *WhatsApp* intitulado Nós por Nós que agregou tanto mulheres que já se conheciam e participavam de debates políticos e sociais quanto mulheres que tinham pouco ou nenhum contato com movimentos, mas que tinham um sentimento de indignação com fatos e atos que muitas vezes não conseguiam explicar.

Neste grupo as mulheres passaram a compartilhar situações vividas, angústias, alegrias, dúvidas e foram percebendo que tinham muito mais em comum do que imaginavam. Além disso, foram se inserindo discussões importantes sobre temas como feminismo e suas vertentes, racismo, gordofobia, sexo, relacionamentos abusivos, depressão, ansiedade, preconceito e padrões. Enfim, a lista de assuntos é extensa e os debates, longos.

Passados alguns dias, percebemos que, além de compartilhar relatos pessoais, juntas poderíamos fazer mais e mobilizar outras mulheres. Que era possível nos organizarmos em torno de objetivos em comum e buscar meios de ajudar mulheres em situação de vulnerabilidade. E foi assim que se destacou um grupo de sete mulheres dentro do grupo maior em que havia cerca de 50 mulheres, que passaram a pensar ações e mobilizações, transformando o grupo de trocas de vivências no *WhatsApp* em Coletivo Nós por Nós, em junho de 2016.

A diversidade do grupo era perceptível e, apesar de serem todas universitárias ou com ensino superior completo, as áreas de atuação são diferentes: Ciência Política, Comunicação, Letras, História, Pedagogia, Engenharia de Energia e Arquitetura. A perspectiva sobre o mundo e as vivências também eram diferentes. Cinco delas, negras e ativistas do movimento negro, todas feministas. Várias características pessoais e profissionais as diferenciavam, porém uma delas, a preponderante, as unia: serem mulheres e não se resignarem.

Com a formação desse núcleo executivo, foram criados os dois primeiros canais de comunicação: uma página no *Facebook* e um perfil no *Instagram*. A ideia principal era: não falar sobre feminismo, mas sim mostrar como o feminismo interage com as nossas vidas na prática. Nós vivemos em uma cidade periférica, convivemos com mulheres que não tiveram os mesmos privilégios que nós, de entrar na universidade e de ter contato com contextos diferentes dos vividos na região e vistos na televisão. Não dava para falar de feminismo “derramando” teoria em mulheres que levantam às cinco horas da manhã para irem trabalhar e chegam às oito da noite, depois de um dia desgastante e com dupla, tripla jornada.

Era preciso ressignificar, adaptar à nossa realidade, quebrar o tabu que distancia o feminismo das mulheres que têm menos acesso, mostrar que as mulheres não precisam viver em eterna competição, que não tínhamos que nos submeter às socializações. E no meio desse turbilhão de sentimentos, empolgação, alegria por ver uma possibilidade de contribuir positivamente não só para as mulheres de Cidade Ocidental como para toda a sociedade em geral, iniciamos uma série de atividades.

Em um curto espaço de tempo, organizamos o projeto Estuda +pro Enem, que tem por objetivo reforçar o conteúdo do Enem para alunos das escolas públicas da cidade. O projeto não é feminista, porém 80% do público atendido é feminino. Em 2016 o Estuda +pro Enem ocorreu de agosto a outubro, já em 2017, está ocorrendo desde abril e vai até o final de

outubro. Impacta diretamente entre 60 e 100 estudantes e conta com cerca de 20 professores voluntários.

Entre junho e dezembro de 2016, foram promovidas algumas rodas de conversas para discutir temas inerentes às mulheres, bem como encontros com outras organizações que fazem trabalhos voltados para mulheres, como o CFEMEA e a Casa Frida, para aprender um pouco sobre o trabalho feito por elas e buscar instrumentos para adaptarmos à realidade de Cidade Ocidental.

De outubro a dezembro de 2016, ocorreu o curso de corte e costura, em novembro aconteceu a oficina de bolo no pote e a oficina da beleza no bairro Jardim ABC e, entre novembro de 2016 e julho de 2017, foram realizados quatro eventos: o I Afrocidental, o I Por Elas, a Feijoada de Aniversário e o Arraial Nós por Nós. Os dois primeiros eventos foram culturais e comemorativos – Dia da Consciência Negra e Dia da Mulher, respectivamente – e os dois últimos tiveram o intuito de arrecadar fundos para dar continuidade às ações do Coletivo.

Em meio a todas essas atividades, ao misto de sentimentos, e à euforia de tudo o que é novo, nós passamos a nos deparar com as dificuldades da vivência enquanto movimento que busca a desconstrução de paradigmas e a construção de uma nova sociedade dentro da nossa realidade. E, assim, os maiores desafios começaram a surgir: a manutenção dos relacionamentos interpessoais e o autocuidado entre as ativistas.

Era um grupo de sete mulheres. Cada uma com uma forma pensar, agir e viver no mundo, cada uma exercendo algum papel fundamental dentro do seu próprio universo e com perspectivas diferentes sobre diversos aspectos. Até ali, o que tinha sido fator preponderante para a união, acabava entrando em cheque quando confrontado com as perspectivas, as possibilidades de envolvimento e a visão sobre como o Coletivo deveria atuar.

Uma parte desse grupo queria estabelecer uma rotina de atuação, traçar estratégias para a execução das atividades que poderiam ser realizadas e estavam dispostas a inserir o Coletivo como parte do seu dia a dia. Outra parte via os fatos de forma distinta, entendendo que o Coletivo não poderia comprometer a agenda individual de cada uma, somente quando assim fosse desejado, sem gerar comprometimento prévio e obrigatoriedade com demandas.

Devido ao impasse, conflitos internos se estabeleceram, bem como a dúvida sobre possibilidade de continuidade do Coletivo diante disso. Foram realizadas algumas reuniões, conversas em tom de briga e contatos com pessoas conhecidas que fazem parte de outros coletivos e movimentos, para tentar entender pela experiência de outros grupos o que acontecia com o Nós por Nós.

As respostas eram sempre muito parecidas. “Fiquem tranquilas, não desistam, é normal esse tipo de impasse e embate, nenhum movimento social se solidificou no consenso geral”. “Os “rachas” nas estruturas acontecem, mas o objetivo a ser alcançado deve ser o foco. Tentem manter o diálogo sempre que possível, mas, se necessário, tomem decisões incisivas. Vai dar tudo certo.”

Quando ficou claro para nós que havia uma incompatibilidade de agendas e que as perspectivas para o futuro do Nós por Nós eram diferentes, as quatro integrantes que hoje formam o núcleo executivo propuseram uma reestruturação do grupo, redistribuindo as responsabilidades conforme a disponibilidade de cada uma. Entretanto, a proposta não foi recebida positivamente por duas das integrantes que tensionaram a relação e por outro lado não apresentaram nenhuma contraproposta que propusesse solução ao impasse estabelecido. Dessa forma, em meio ao dissenso, três das sete integrantes do Coletivo Nós por Nós deixaram o grupo.

Há algum tempo já havia se mostrado necessária a existência de uma regulamentação, algo como uma métrica, ou direcionamento para as ações do Coletivo, o que iria garantir uma melhor organização, bem como serviria para padronizar a atuação de todas as envolvidas. Com a confirmação da fragmentação das ideias e, conseqüente, com a saída de três participantes do grupo que tomava as decisões, a criação de um estatuto e de alguns pequenos manuais de execução de atividades se tornou prioritária e emergencial.

Nesse sentido, foram criadas, primeiramente, duas frentes nas quais qualquer voluntária ou voluntário poderia atuar, inclusive simultaneamente se assim desejasse, que são: Ativismo em Rede e Mão na Massa. Num segundo momento, o estatuto foi elaborado, com as especificações das atribuições do grupo que passaria a ser a diretoria do Coletivo Nós por Nós e das atividades que poderiam ser realizadas pelos coordenadores e voluntários. Com a validação do estatuto, além de ganhar um CNPJ e se institucionalizar, o Coletivo passa a ter documentados alguns princípios básicos norteadores.

Assim, em outubro, ainda durante a produção deste trabalho, foi realizada a assembleia estatutária para eleição da diretoria do Coletivo Nós por Nós e formalização do grupo como Organização Não Governamental (ONG). A assembleia contou com a presença de voluntárias, voluntários, comerciantes que já realizaram doações, vereadoras, entre outros representantes da sociedade civil.

Para além da simples formalização, a existência do estatuto traz uma nova perspectiva para o Nós por Nós, dá fôlego para o planejamento de novas ações e oxigena as relações interpessoais, com a possibilidade e engajamento de novas mulheres na tomada de decisões.

3 – A ESCOLHA DO TEMA

O processo de escolha do tema de um Trabalho de Conclusão de Curso começa praticamente junto com a própria graduação, por assim dizer. A cada assunto novo que nos é apresentado em sala de aula, sempre surge a possibilidade de aquele ser o grande tema para encerrar o nosso ciclo. Comigo foi assim, desde a minha primeira graduação.

Mas o transcorrer dos fatos é sempre o mesmo: cogitamos vários temas, nos encantamos e deixamos de lado todos eles, até chegar naquilo que, de fato, é concretizado.

No início do ano, eu trazia da disciplina TCC I um tema completamente diferente do que foi objeto deste trabalho. Ao longo do primeiro semestre, conversei sobre diversas possibilidades de outros temas com minha orientadora, definimos um deles e aguardamos chegar o semestre seguinte para trabalharmos. Porém, nesse meio tempo, aconteceram vários fatos que mudaram totalmente os rumos da minha vida pessoal, profissional e acadêmica e isto impactou diretamente a realização deste trabalho.

No primeiro encontro de orientação, a professora Liziane Guazina, já ciente de todos os acontecimentos, propôs um tema que até então eu não havia cogitado: fazer o TCC sobre o Coletivo Nós por Nós. Ela entendia que era uma forma de me mostrar outra perspectiva sobre esse movimento ao qual eu vinha me dedicando e ao mesmo tempo me desafiaria a fazer coisas, dentro da comunicação, que até então eu não tinha feito.

A princípio, tive muito receio, não sabia ao certo como lidar com a realização de um trabalho acadêmico sobre algo que eu não só estava relacionada como também fazia parte da minha essência. Questionei se era possível fazer uma pesquisa sobre algo desse tipo estando tão perto do objeto e fui tranquilizada pela minha orientadora, que não deixou de acreditar nesse projeto nenhum só dia durante todo o semestre, ainda que eu mesma tenha pensado em desistir várias vezes.

Após a definição do Nós por Nós como nosso objeto de estudo, precisávamos delimitar o que seria feito. O primeiro passo foi a elaboração do histórico com a descrição do que já havia acontecido até então e com a organização de todos os registros. Esse trabalho durou entre duas e três semanas, com uma varredura completa de arquivos. Foi preciso encontrar HDs, *pen drives*, entrar em contato com pessoas que tinham tirado fotos em vários momentos

diferentes, fazer solicitação de vídeos e de todo e qualquer arquivo audiovisual. Esse material foi fundamental para ajudar na construção do histórico com maior precisão.

Escrever a história do Coletivo me ajudou a reforçar o sentimento de pertencimento a ele e a necessidade de sua existência, isso foi extremamente positivo. Entretanto, também acabou revirando assuntos delicados que geraram desgaste em nosso grupo e isto foi doloroso. Sempre é doído lembrar fatos que demonstram a nossa vulnerabilidade, mas foi inevitável.

Com essa retrospectiva do Nós por Nós em mãos, surgiu a dúvida sobre o que fazer. Inicialmente, Guazina sugeriu que fizéssemos uma espécie de livro-memorial, com a história e as atividades detalhadas, inclusive com uma espécie de linha cronológica do que aconteceu e como aconteceu – reuniões para organização, divisão de tarefas, etc. Porém, para fazer isso, seria necessário registro de todos esses acontecimentos, desde atas de reuniões até lista de presença das ações, para que o levantamento fosse feito com precisão.

Infelizmente (ou felizmente) o Coletivo fez o mesmo caminho que boa parte das organizações fazem, que é o de realizar as ações e depois começar a pensar e a definir os processos que podem otimizar a execução de estas. Logo, não contávamos com boa parte do que seria necessário para construir um bom memorial, com riquezas de detalhes e precisão de informações.

Muitas possibilidades foram cogitadas: minidocumentário, vídeo institucional, evento, monografia sobre os movimentos do DF e entorno, entre outros tipos de trabalho. Mas a minha ideia estava voltada para algo que fosse capaz de suprir parte da demanda da organização e que fosse possível de ser proposto em tempo hábil e possível de ser executado com o melhor custo-benefício possível para o Coletivo.

Assim, buscando atender pelo menos parte dessas necessidades, propus a elaboração de um Plano de Comunicação, por ser este um dos instrumentos mais importantes para uma organização que queira estabelecer um relacionamento com seu público de forma planejada.

Escolhido o tipo de produto com o qual trabalharíamos, partimos para a escolha da metodologia a ser utilizada para elaboração do plano. Como eu sou parte do Coletivo, uma das possibilidades mais isentas para apresentar os pontos positivos e negativos da comunicação seria a realização de entrevista com as integrantes da diretoria, momento em que elas teriam liberdade de apontar os problemas que cada uma identificava no trabalho que

vinha sendo feito, bem como poderiam sugerir o que deveria ser feito para melhorar. Seria uma oportunidade de fazermos uma autocrítica em grupo.

Definida o procedimento, foi realizada uma reunião com a entrevistadora e outras três integrantes da diretoria: Cintia Ribeiro, Natálie Fernandes e Nathielen Fernandes, no dia 15 de outubro, que durou quase 40 minutos. Esta foi gravada e, posteriormente, transcrita.

Na sequência foi aplicado um questionário⁵ com quinze perguntas fechadas e abertas, durante o período de 13 de outubro a 20 de outubro, utilizando a ferramenta do *Google Docs*. Os formulários foram enviados para 130 pessoas, individualmente por *WhatsApp* e *Messenger*, e respondidos por 110.

Para a elaboração do questionário, foram definidos os seguintes objetivos: verificar o perfil do público que já havia interagido com o Coletivo e saber qual era a percepção das pessoas sobre o Nós por Nós e sobre a sua comunicação. Para isso, foi escolhido aplicar o questionário com pessoas que já haviam sido voluntárias de alguma atividade ou tido contato com as ações do Coletivo.

Por último, foram levantadas as informações sobre alcance e visualizações do *Facebook*, bem como informações sobre o perfil do público da página. Não foi possível levantar dados acerca do *Instagram* e do *blog*, pois não havia essas informações disponíveis até então.

A partir das informações e percepções interna e externa reunidas, foram realizadas a interpretação dos dados e a elaboração do diagnóstico. Baseadas nesse diagnóstico, foram propostas as estratégias de comunicação interna e externa para sanarem, pelo menos em parte, os problemas apontados pelos levantamentos.

A delimitação das estratégias levou em consideração, a princípio, os recursos disponíveis pelo Coletivo para a sua execução. Uma das estratégias diz respeito estritamente à organização física de arquivos e as outras duas referem-se a uma mistura de organização com redução de desgaste interno, com a sistematização de tarefas, e o autocuidado, que é fundamental para manutenção do relacionamento interpessoal entre as integrantes.

⁵ O questionário encontra-se disponível no Apêndice do Plano de Comunicação.

Uma observação importante a ser feita é que a estratégia de encontros para o autocuidado foi elaborada como resultado da participação de uma das integrantes, a Cintia Ribeiro, em um ciclo de rodas de capacitação para o autocuidado entre ativistas, promovido pelo CFEMEA, em que, ao final, ela estará apta a multiplicar o formato dos encontros com outras mulheres.

Para as estratégias de comunicação externa, o primeiro passo foi a procura por um designer para a atualização da logomarca do Coletivo. Depois de tentar com alguns colegas de curso na Faculdade de Comunicação (FAC), outro colega, Marcos Wilson, que atualmente é chefe da comunicação da Cidade Ocidental, aceitou contribuir para este trabalho com a elaboração de uma nova marca. Devido à demanda alta no trabalho do Marcos, a logo demorou um pouco para ser finalizada, mas, ao ser entregue, foi aprovada por todas as integrantes da diretoria.

A estratégia de criação de um novo site era um anseio antigo. Sempre era falado no quão legal seria ter um site com todas as informações organizadas, mas no início do Coletivo havia a preocupação de se fazer um site com quase nenhuma informação, por isso optou-se por um *blog* somente. Com o passar dos meses e com o volume alto de ações realizadas, percebeu-se que não era possível mais adiar esse passo. A plataforma *Wordpress* foi escolhida por sugestão de amigos da FAC que já a utilizavam e elogiavam o seu custo-benefício.

O investimento nas redes sociais é outro passo que vínhamos comentando a respeito, mas sempre era adiado. Agora, essa ação será colocada como prioridade dentro do orçamento do Coletivo e, assim que entrarem recursos, parte destes serão obrigatoriamente destinados para promover algumas publicações.

Outro aspecto importantíssimo, que foi ratificado pela da pesquisa, é a necessidade de investir em material impresso e em estratégias de ações fora das redes também. A Cidade Ocidental é um lugar de muito contato físico, de olho no olho e abraços, portanto investir em comunicação que dialogue diretamente com as pessoas nas ruas se mostra cada vez mais essencial para aumentar a visibilidade do Coletivo.

Por fim, algumas das estratégias propostas já foram executadas – como a atualização da logomarca, a criação do novo site, a migração do perfil do *Instagram* de social para comercial e a entrega de panfleto sobre o projeto Estuda+ pro Enem na porta das escolas, no dia da

prova –, outras serão implementadas a curto, médio e longo prazo. O logotipo foi atualizado dentro do prazo estipulado de 15 dias; o *Instagram* foi atualizado em 45 minutos; a criação do novo site levou cinco dias; e a distribuição dos panfletos levou cerca de uma hora em cada dia (05/11 e 12/11).

A produção deste memorial levou um pouco mais de duas semanas, desde o levantamento bibliográfico até a escrita e a revisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar este trabalho me trouxe uma série de reflexões. Sobre o meu papel como comunicadora e sobre a minha missão como ativista do movimento feminista.

O entendimento sobre como cada conceito estudado aplica-se, de fato, na resolução de problemas cotidianos fez com que o sentimento de ter feito a escolha certa, ao optar por somar à minha formação acadêmica e profissional a Comunicação Organizacional, ficasse evidente ao final do projeto.

Somado a isso, ter como objeto de estudo o Coletivo do qual faço parte, elaborar um produto que não só contribuirá para minha formação como também será uma espécie de mola propulsora para o Nós por Nós, foi, sem dúvidas, um privilégio.

Um aspecto surpreendente e motivador foram as respostas ao questionário sobre a percepção das pessoas acerca do Coletivo. A cada resposta, crescia o sentimento de responsabilidade, não apenas por este trabalho, mas pela atuação do Nós por Nós em nossa cidade. É incrivelmente assustador e desafiador enxergar com clareza as expectativas que são depositadas na nossa missão. Não dá mais para voltar atrás.

O momento político que o país vive nos impõe também a obrigatoriedade de continuar. Resistir em tempos tão sombrios é mais que necessário, é questão de sobrevivência. E nós vamos sobreviver!

Eu sempre acreditei que dois instrumentos eram capazes de promover a manutenção das estruturas sociais mais desiguais e opressoras. E, por outro lado, somente com a descoberta de novas formas de uso deles, seria possível mudar o mundo. E, por acreditar nisso, tenho dedicado os últimos anos da minha vida ao estudo desses dois instrumentos: Política e Comunicação. Somente com eles e através deles, as mudanças serão concretizadas.

Ao longo dos últimos quatro anos e meio, pude me debruçar sobre a magnitude dessa área do conhecimento, a Comunicação, e descobrir que o poder que ela tem de interferir na sociedade vai muito além da dominação dos grandes veículos de comunicação em massa.

Pude observar e, por vezes colocar em prática, as infinitas possibilidades que estão em nossas mãos, enquanto comunicólogos e comunicadores, de influenciar a realidade na qual estamos inseridos e fazer uma comunicação diferente, que olha para o futuro não somente sob

a perspectiva mercadológica. Hoje eu tenho convicção de que fui forjada enquanto comunicadora social no sentido literal do termo. Deste período acadêmico, que muitas vezes não pude aproveitar com a intensidade que gostaria, saio com a certeza de que sou mais humana que nunca e de que quero trabalhar para fazer comunicação com e para as pessoas.

Com este trabalho, e a partir de pesquisas realizadas para sua elaboração, foi possível concluir que a comunicação estratégica implementada de forma planejada é força motriz para qualquer organização – seja ela de grande, médio ou pequeno porte – e que, para as pequenas, ela pode ser a única forma de coexistir em um sistema tão desigual.

Meus votos são para que cada vez mais comunicólogos se envolvam nos processos de construção de uma comunicação mais democrática, acessível, socialmente engajada e que sirva para a reconstrução de um mundo novo. E que mais coletivos de mulheres ou de outros grupos minoritários se utilizem de todos os instrumentos disponíveis para propagar suas ideias e ações, que saiam da invisibilidade e que não sejam mais silenciados, e sim que sejam porta-vozes da sua existência e militância.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. In: **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia da s Letras, 2014.

ANGELO, Katherine. **Diagnostico de Comunicação: Uma análise dos principais métodos utilizados em grandes agencias de Comunicação e Publicidade de Brasília**. Monografia de final de curso. Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2013.

BERNI, Duilio de Avila (Coord.). In: **Técnicas de pesquisa em economia: transformando curiosidade em conhecimento**. São. Paulo: Saraiva, 2002.

BEZERRA, Cyntia Nataly. Internet: Uma Ferramenta Decisiva no Esforço do Profissional de Relações Públicas em Conquistar Credibilidade para o Terceiro Setor. In: **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2726-1.pdf>>. Acesso em 05 out, 2017.

BRASIL. Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 27 out, 2017.

CANALLI, Nivea Bona. **A comunicação e o papel do comunicador nas ONG's sociais**. Dissertação - Programa de Pós Graduação, Universidade Metodista de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1251>. Acesso em 27 set, 2017.

COSTA, Renata Cristina da; SENRA, Laura de Mello; SANTOS, Luna Borges. Os Direitos Humanos das Mulheres: Lutas e Protagonismos. In: **Introdução Crítica ao Direito das Mulheres**. Brasília: CEAD, FUB, p. 231-234, 2012.

CURVELLO, João José Azevedo. In: **Comunicação Interna e Cultura Organizacional**. Brasília: Casas das Musas, 2012.

FERREIRA, Claudia; BONAN, Claudia. In: **Mulheres e Movimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. In: **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANCO, Beatriz Delgado Val. **#Feminismo: Desafios e Oportunidades na Apropriação das Redes Sociais para a Difusão de Discursos**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília, 2017.

GARCIA, Gabriela Silva. **Os feminismos do Distrito Federal: Conjunturas e Desafios Contemporâneos**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília, 2014.

GIL, Antônio Carlos. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HENRIQUES, Márcio Simeone. Comunicação e os desafios da mobilização social. In: **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, 2005.

Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/110500648619188691648262921728209604489.pdf>>. Acesso em 05 out, 2017.

KUNSCH, Margarida. In: **Comunicação organizacional: complexidade e atualidade**. São Paulo: Novos Olhares, v. 18, n. 1, p. 23-31, ago. 2006. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/novosolhares/article/viewFile/8191/7555>>. Acesso em: 03 nov, 2017.

_____. In: **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. São Paulo: Simmus Editorial, 2002.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. In: **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. In: **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES. **Direito à comunicação. O que o feminismo tem com isso?** Disponível em: <<http://www.marchamundialdasmulheres.org.br/direito-a-comunicacao-o-que-o-feminismo-tem-com-isso/>>. Publicado em 16 de abril de 2015. Acesso em: 27 out, 2017.

OLIVEIRA, Nátalie Fernandes; OLIVEIRA, Nathielen Fernandes; RIBEIRO, Cintia Nathália. **Entrevista concedida a Thayene de Oliveira Rocha**. Cidade Ocidental, 15 out 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no item 7. 3 da sessão 7 – Anexo deste Plano de Comunicação]

PATRÍCIO, Edgard; AZEVEDO, Livio Severiano de. In: **A ONG e a criação de identidades visuais: Um estudo sobre a produção e aplicação de marcas em projetos através da ONG Catavento Comunicação e Educação**, v. 3, p. 04-13, 2006. Disponível em: <http://www.comunicacaoempresarial.com.br/revista/05/artigos/artigo_edgard-livio.pdf>. Acesso em 27 out, 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. In: **Teoria Política e Feminismo: abordagens brasileiras**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012. p. 269-287.

PLAN INTERNATIONAL. **Afinal, o que é empoderamento feminino?** Disponível em: <<https://plan.org.br/blog/2016/09/afinal-o-que-e-empoderamento-feminino>>. Publicado em 22 de setembro de 2016. Acesso em: 20 out, 2017.

PROGRAMA ESTAÇÃO PLURAL. **Clara Averbuck define o conceito de sororidade**. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/estacaoplural/post/clara-averbuck-define-o-conceito-de-sororidade>>. Exibido em 28 de novembro de 2016. Acesso em 20 out. 2017.

REVISTA ÉPOCA. **Clara Averbuck fala sobre mulher moderna, feminismo e literatura em "Toureando o diabo"**. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/04/clara-averbuck-fala-sobre-mulher-moderna-feminismo-e-literatura-em-toureando-o-diabo.html>>. Publicado em 22 de abril de 2016. Acesso em 20 out, 2017.

RICO, Mariana; SILVA, Luiz Fernando. Comunicação e Marketing no Terceiro Setor: Por quê e para que a comunicação deve existir no trabalho das Organizações da Sociedade Civil. In: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Paraná, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1572-1.pdf>>. Acesso em 27 set, 2017.

RODRIGUES, Thaís Moysés Nogueira. **História do Movimento Feminista em Brasília/DF: Memórias de Luta – 1980 a 2000**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília, 2013.

SANTOS, Dalila; CORDEIRO, Emille. A importância das mulheres ocuparem os espaços de comunicação: por uma comunicação feminista e popular. In: **Blog da Marcha Mundial de Mulheres**. Brasil, 2015. Disponível em:

<<https://marchamulheres.wordpress.com/2015/11/05/a-importancia-das-mulheres-ocuparem-os-espacos-de-comunicacao-por-uma-comunicacao-feminista-e-popular/>>. Acesso em 27 out, 2017.

Sites consultados

www.ibge.gov.br

www.mulheresocidental.wixsite.com/coletivonos

<https://mulheresocidental.wordpress.com/>

www.cfemea.org.br/

<https://guiadamonografia.com.br/>

<http://www.praticadapesquisa.com.br/>

<http://odireitoachadonarua.blogspot.com.br/>